



O lixo descarregado pelos caminhões da Prefeitura serve para aterrar o mangue

Promessas já não iludem os moradores de Alecrim

MANGUE

A exemplo de outros bairros pobres da Grande Vitória, no Alecrim, localizado em Vila Velha, inexistem obras de infraestrutura e de saneamento básico. A exceção do crescimento populacional, nada mudou no bairro em 30 anos de existência: as valas, transformadas em esgoto, continuam a céu aberto, não há calçamento, nem iluminação pública e o mangue ainda está aguardando o aterro prometido há cinco anos, pela Prefeitura Municipal.

Além de todos estes problemas, está previsto para amanhã um corte de 160 quilos de leite em pó, que vem sendo distribuído pela Legião Brasileira de Assistência (LBA), sob a alegação de contenção de despesas. Dos mil quilos de leite mensalmente esperados pela população do Alecrim, somente 840 serão distribuídos este mês, para as crianças de até três anos de idade. A informação é da tesoureira do Centro Comunitário, Rosânea Ribeiro Jadeginski.

PROBLEMAS CONGÊNTOS

Devido ao tempo de existência do bairro, Rosânea classificou de "congênitos" os problemas de Alecrim, acreditando que eles nem mais "têm solução". Segundo ela, sucessivos abaixo-assinados já foram remetidos à Prefeitura Municipal de Vila Velha sem que houvesse retorno em obras. "Mesmo agora, às vés-

peras de uma eleição, eles não nos atendem, nem mesmo para a construção de uma rede de esgoto, que é nosso principal problema". Contou ela que nas valas, diariamente, as crianças caem, "se machucando e se contaminando todas".

Os índices de verminose, ainda segundo Rosânea, são muito elevados. "Ainda na semana passada, assistentes sociais da Universidade Federal do Espírito Santo estiveram aqui e fizeram uma estatística, chegando à conclusão de que em cada dez crianças nove estão com verminose, e das bravas", disse ela, acrescentando que é muito comum brincarem dentro das valas de esgoto. "Não dá para vigiar", justificou-se.

No bairro Alecrim, o calçamento fica restrito somente à rua principal. "Quando chove é um tormento, não dá nem para passar", reclamou a moradora Maria do Rosário Silva, dizendo ainda que "em dias de chuva minhas filhas nem vão à escola, pois na frente de nossa casa forma uma verdadeira lagoa, com o transbordamento das valas". Devido à inexistência de iluminação pública, os assaltos são muito frequentes, e a população se recolhe mais cedo. "Estudar à noite, somente homem, que pode correr muito", atalhou dona Antônio Santos.

REDUÇÃO DO LEITE

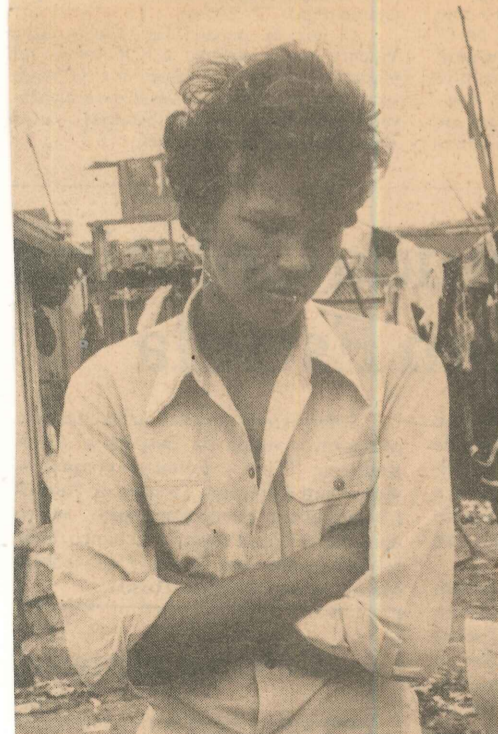
Se não bastassem todos os problemas de inexistência de infraestrutura no bairro, a LBA ainda irá reduzir a cota de leite em pó mensalmente oferecida à população carente. Dos mil quilos de leite, agora, somente serão distribuídos 840, sob a alegação de contenção de despesas. "Amanhã mesmo (quinta-feira), quando será feita a distribuição do leite da LBA pelo Centro Comunitário, 230 crianças ficarão sem receber o leite". Estas crianças que não receberão o leite têm de três a quatro anos de idade, o que, segundo as novas determinações da LBA, significa que não necessitam mais deste tipo de alimentação complementar.

Rosânea disse que tentará dissuadir a LBA desta idéia, conversando com as assistentes sociais e mostrando a extensão e a gravidade do problema a ser gerado a partir desta determinação. "Acredito que, vendo a nossa situação, elas mudarão de idéia. Precisamos mesmo do leite. É a única forma de manter nossas crianças alimentadas, além do leite funcionar como remédio para os vermes", disse Rosânea, adiantando que ainda hoje será mantido contato com as encarregadas da distribuição do leite, na LBA.

Os moradores do mangue de Alecrim constituem um problema à parte. Ilhados nas palafitas, eles não têm outro tipo de comunicação com a parte do bairro senão por uma única pinguela, feita com madeira podre e mal empilhada. "Na semana passada mesmo caiu uma dona barriguda dentro do mangue. A maré estava alta e foi muito difícil retirá-la de lá. Ainda bem que não perdeu o filho", disse o vice-presidente do Centro Comunitário, Elson Barreto, acrescentando que ainda não ocorreram vítimas fatais nas quedas.

Segundo estimativas de Elson, cerca de 3.500 famílias residem no mangue do Alecrim, sendo a metade delas catadoras de lixo. "Devido a isso — disse Elson (que também é funcionário da Prefeitura Municipal) — consegui com o prefeito que ele liberasse alguns carros de lixo para jogar aqui no mangue. Assim matariamos dois coelhos com uma martelada só. Ajudaríamos os catadores de lixo e aterraríamos o mangue".

Já foram colocados no mangue 126 caminhões de lixo, mas o aterro ainda não conseguiu chegar nem perto do início da pinguela. "Acho que serão necessários muitos caminhões ainda", argumentou Elson, afirmando que eles mesmo são capazes de fazer o aterro.



Elson Barreto adverte para o risco de vida



Reclamação das mães: "Nem esgoto temos"